

IMIGRANTES BRASILEIROS: ESFORÇOS DE PRESERVAÇÃO DA LÍNGUA MATERNA.

Kátia Maria Santos Mota
Universidade do Estado da Bahia.

RESUMO: *Este trabalho etnográfico descreve a socialização de doze famílias brasileiras residentes nos Estados Unidos diante de uma nova língua/cultura. Foi investigada a competência comunicativa nas duas línguas em cinco domínios sociais. Verificou-se nas crianças/adolescentes a manifestação do “bilingüismo subtrativo”. Formas de ação exercidas pelos pais são reveladas no sentido de assegurar a preservação da língua materna. A igreja e a televisão brasileira demonstram exercer papel relevante no sentido de promover vínculos com a tradição lingüístico-cultural. O comportamento comunicativo sinaliza a escolha lingüística como marcador de identidade associado ao processo de aculturação dessas famílias.*

Palavras-chave: *imigrantes brasileiros / bilingüismo / preservação da língua materna.*

ABSTRACT: *This ethnographic study describes the socialization process of twelve Brazilian families, living in the United States, by confronting a new language/culture. Bilingual communicative competence was investigated within five social domains. Children/adolescents of the study manifest a kind of “subtractive bilingualism”. Parents express strategies of actions aiming at the maintenance of the first language. The church community and Brazilian television programs become important forces of promoting ties with the ethnolinguistic tradition of the group. The registered communicative behavior focus the language as an identity marker associated with the acculturation process of these families.*

Key words: *Brazilian immigrants / bilingualism / first language maintenance.*

Revisando os estudos clássicos sobre a associação entre o processo de aculturação de grupos imigrantes nos Estados Unidos e a manifestação do comportamento lingüístico, observa-se que a língua materna se constitui, com a experiência da imigração, um dos principais componentes étnicos que sofrem o impacto da aculturação; considerada como um marcador de identidade de alta visibilidade, os imigrantes, a partir da segunda geração, já começam a encontrar dificuldades de comunicação na língua materna. Configura-se, assim, o fenômeno do bilingüismo subtrativo¹ em que a aquisição da segunda língua implica a perda da língua materna. Compreende-se, entretanto, que, do ponto de vista da Lingüística, a coexistência entre múltiplas línguas é perfeitamente possível desde que se assegure o papel social que cada uma dessas línguas desempenha no cotidiano das pessoas. No caso específico desses imigrantes, o processo acelerado de aculturação, facilitador da mobilidade social dentro do cenário norte-americano de alta competitividade, promove uma quase imediata perda da função social da língua materna. Apesar de se registrar a presença de conscientização étnica nos grupos estudados, decorrente do forte desejo de preservação das suas raízes culturais, a língua inglesa vai assumindo rapidamente o seu lugar de língua dominante paralelamente ao processo de extinção gradual das línguas minoritárias, consideradas como de menor prestígio social. Dessa forma, o bilingüismo subtrativo revela um

fenômeno social de exclusão de identidades étnicas.(Fishman 1966, Veltman 1983, Skutnabb-Kangas & Cummins, 1988).

A partir da década de 80, diversos grupos brasileiros começam a experimentar movimentos de migrações internacionais em grandes fluxos, principalmente para os Estados Unidos, concentrando-se sobretudo nas regiões de Nova York, Boston e Miami. Fugindo de dificuldades financeiras resultantes da instabilidade da política econômica no Brasil, eles dizem estar vivendo temporariamente em terra estrangeira na intenção de fazer dinheiro para retornar ao país. Estabelece-se, assim, uma situação de vida dividida entre duas realidades: estar nos Estados Unidos para organizar a vida no Brasil. As pesquisas revelam que há um descompasso entre a intenção expressa pelo grupo e a realidade que vão construindo fora do Brasil. Mesmo elaborando o retorno, eles vão prolongando sua permanência nos Estados Unidos, se configurando, assim, uma situação de *inbetweenness*, de viver entre dois mundos. (Margolis 1994, Reis e Sales 1999).

Considerando essa intenção de transitoriedade da comunidade brasileira, este estudo investiga a manifestação do comportamento lingüístico, a escolha entre duas línguas como manifestação de afirmação de identidade. A pesquisa envolveu um grupo de doze famílias² brasileiras residentes em Somerville, Massachusetts, abrangendo um total de 22 adultos (10 homens e 12 mulheres) e 24 crianças/adolescentes (10 meninos e 14 meninas). O grupo varia entre 3 e 10 anos de residência nos Estados Unidos (tempo médio de 5.25 anos). A geração de filhos tem idade entre 2 e 19 anos (idade média de 11.16 anos) e, comparando os anos de escola no Brasil e nos Estados Unidos, a população apresenta uma média de 2.08 anos no Brasil e 4.5 anos nos Estados Unidos.

O fenômeno da “cabeça em dois mundos”, apresentado por Margolis (1994) é revelado, dentro do universo dessas famílias, em três diferentes padrões: (a) 7 famílias expressam a decisão de ficar nos Estados Unidos, acreditando que algum dia vão se tornar cidadãos norte-americanos, mas afirmam a necessidade de manter o Brasil vivo na tradição familiar; (b) 4 famílias afirmam estar se preparando para voltar ao Brasil, acreditando que a permanência nos Estados Unidos oferece não só o retorno financeiro mas também um investimento cultural que lhes asseguram melhores condições de trabalho no retorno ao Brasil; (c) apenas uma família vive em um constante estado de indecisão, oscilando entre as vantagens e desvantagens das duas realidades, sem conseguir elaborar metas de vida em família. Independente de qual seja o projeto familiar, observa-se que os pais, em geral, mesmo seguindo diferentes motivações, mantêm o desejo de conciliar as duas línguas, as duas culturas. No primeiro grupo, o português se torna importante como elemento da tradição brasileira; no segundo, apesar do interesse em aprender inglês como investimento cultural, há uma grande preocupação em não perder o português para evitar que no retorno ao Brasil os filhos sejam rebaixados na série escolar; no terceiro, o esforço é dobrado, na perspectiva de que, não se tendo clareza do país como ponto de referência, há uma constante oscilação em relação ao papel funcional que cada uma das línguas/culturas desempenha para a vida social da família.

Através de testes orais e escritos, entrevistas e situações espontâneas de conversação, a competência em cada uma das línguas segue diferentes caminhos, comparando-se as duas gerações. Os pais demonstram uma grande dificuldade no processo de aquisição da segunda língua, registrando um baixo nível de desempenho nas habilidades de expressão lingüística (falar e escrever), desenvolvendo, assim, uma posição mais receptiva do que produtiva. Os filhos, por outro lado, em relação à aquisição da segunda língua, seguem um ritmo mais natural de evolução lingüística, manifestando competência mais forte na linguagem oral (ouvir e falar); enquanto que no

desempenho do português apresentam mais facilidade nas habilidades receptivas (ouvir e ler) e uma perda gradual das habilidades produtivas (falar e escrever). Um outro dado interessante é que o processo de perda da língua materna nos filhos segue um ritmo bem mais acelerado do que o de aquisição da segunda língua nos pais. Estabelece-se, assim, situações de conflitos lingüísticos que dificultam a dinâmica social da família.

A posição dos pais diante desse descompasso na comunicação intrafamiliar revela sensações de desconforto, frustração e ansiedade. No decorrer desta pesquisa foram flagrantes as tentativas e esforços na busca de estratégias que assegurem a manutenção da língua materna. Sabemos, entretanto, que a língua materna terá mais chance de sobreviver, em uma situação de complementariedade lingüística com o inglês, se houver a preservação do uso funcional de cada uma das línguas dentro de determinados “domínios sociais”, que possa estimular a sustentação do bilingüismo estável. (Fishman 1972). Seguindo essa compreensão, cinco domínios sociais foram observados (família, escola, trabalho, igreja, amigos) na tentativa de se identificar aqueles que mais favorecem a manutenção do português. Os resultados da pesquisa revelaram que: (a) o trabalho e a escola apresentam um forte impacto direcionado à assimilação do universo norte-americano, reforçando o monolingüismo em inglês; (b) as relações de amizade representam claramente a fronteira entre as duas línguas (nas rodas de amigos, os pais usam exclusivamente o português enquanto que os filhos gradativamente vão adotando o inglês); (c) os principais redutos de preservação da língua materna se configuram nos espaços da família e da igreja.

Eleger o português, de forma consistente, como língua primordial no espaço da casa seria a maneira mais eficiente de contribuir com o desenvolvimento da competência comunicativa na língua materna; se os pais mantêm perseverança em se expressar sempre em português, os filhos vão naturalmente adotando essa língua na comunicação intrafamiliar. (Saunders, 1988). Essa postura é perfeitamente visível como meta determinada pelas famílias investigadas. A imposição do uso do português em casa atende, na verdade, a duas necessidades expressas pelos pais: a primeira se refere ao desejo de assegurar a manutenção da identidade brasileira, de manter o vínculo com a terra de origem, deixando aberta a possibilidade de retorno; a segunda manifesta a garantia de preservar a autoridade paterna/materna na dinâmica das relações interpessoais no contexto familiar. Nesse sentido, é através do uso do português que os pais vinculam a escolha lingüística à necessidade de pertencimento a uma identidade nacional e, por outro lado, mantêm a estabilidade na hierarquia de poder entre gerações. Em alguns relatos, percebe-se claramente a crença de que, ao deixar que o inglês assumira o espaço da casa, não somente os filhos vão perder o domínio da língua materna, mas os pais “perderão” seus filhos, não apenas na forma de autoridade sobre eles mas também na troca de discursos de intimidade.

Em muitas situações foram, entretanto, observados comportamentos lingüísticos que deflagram certas inconsistências entre o que se acredita e o que se manifesta na comunicação espontânea. Assim, durante as observações, foram registrados momentos em que os pais conversam com os filhos utilizando palavras ou mesmo sentenças em inglês, na tentativa de afirmar o seu processo de evolução lingüística, de demonstrar o seu saber, a sua capacidade de aprender. Quase sempre, entretanto, se expõem às críticas ou correções dos filhos, contribuindo para reforçar ainda mais as suas inseguranças e conflitos psicológicos. Algumas vezes os próprios filhos dizem que preferem falar inglês em casa para ajudar os pais a aprender melhor o inglês; nesse sentido expressam preocupação, ou até mesmo vergonha, diante da incompetência dos pais em falar a língua estrangeira. Em síntese, as duas línguas se manifestam em um constante cenário de concorrência em que os filhos tendem a escolher a língua inglesa

como fator de integração à sociedade norte-americana, e os pais lutam pela sobrevivência do português como marca simbólica do bem-estar do núcleo familiar.

Muitos jovens, mesmo acreditando na importância de preservar a língua materna, expressam discordância na atitude de imposição exercida pelos pais. As constantes reivindicações no sentido de falar português se tornam, na visão dos filhos, abusivas, provocando muitas vezes uma ausência de diálogo entre pais e filhos ou um cenário bipartido em dois mundos lingüísticos: os pais conversando entre si em português e os filhos, em inglês. Esses dois círculos de conversação vão se distanciando, sugerindo que em futuro breve as fronteiras lingüísticas ameacem a unidade familiar. Essa possibilidade se configura em uma sensação de medo constantemente presente no discurso dos pais. A reação se manifesta quase sempre em atitudes de reforço à imposição do uso do português e de vigilância à correção lingüística. Essas duas estratégias (a imposição lingüística e a excessiva correção do português dos filhos) podem, na verdade, segundo Saunders (1988), ter um efeito contrário atuando muito mais fortemente na perda lingüística do que na manutenção. Foram vários os registros em que as crianças/adolescentes tentavam manter naturalmente uma conversa em português e a mãe, repetidas vezes, chamava a atenção para os erros gramaticais. Nesse sentido, quase sempre as conversas eram subitamente interrompidas ou alternadas para o inglês.

Percebe-se, assim, que os pais, não acreditando simplesmente que o uso espontâneo do português em casa possa assegurar a preservação da língua, passam a assumir o papel de professor de português dos filhos. Torna-se necessário, então, criar uma dinâmica de sala de aula dentro de casa. Em algumas famílias são estabelecidos horários regulares para o estudo sistemático da língua portuguesa através de livros didáticos brasileiros, na tentativa de manter um currículo paralelo coerente com o sistema escolar no Brasil. Além disso, o período de férias escolares muitas vezes se transforma em “curso intensivo” de português. Tornar-se professor de português dos filhos parece ser uma missão árdua para os pais brasileiros, pois confessam que isso contribui para aumento de ansiedade e frustração nos poucos momentos que conseguem conviver com os filhos. Reconhecem, entretanto, que só assim conseguem manter “o respeito à língua portuguesa”. O ideal, segundo eles, é que pudessem pagar aulas particulares ou que a escola assumisse esse papel.

Em relação à escola, mesmo considerando que a maioria dessas crianças/adolescentes participaram de programas de educação bilíngüe em que a alfabetização ocorreu inicialmente em português, em pouco tempo a língua inglesa vai assumindo o domínio lingüístico do espaço escolar. Os pais acreditaram, inicialmente, que a educação bilíngüe garantiria a competência comunicativa nas duas línguas, mas logo perceberam que, na verdade, ela atende ao período inicial de socialização da criança imigrante estabelecendo a transição para a educação regular em língua inglesa. O ensino em língua materna é interrompido a partir do terceiro ano de escolaridade.

Retornando ao cenário familiar, a presença na casa de símbolos culturais relacionados à vida brasileira (objetos típicos do Brasil, a bandeira nacional, produtos culinários, etc) demonstram uma representação da identidade nacional como elemento motivador da comunicação em português. Nas casas onde essa presença é mais visível, percebe-se uma maior frequência de conversas familiares espontâneas em português. Entre os objetos culturais de maior influência à preservação da língua materna destacam-se, sem dúvida, a música e a televisão brasileiras. De uma forma muito mais prazerosa e socialmente mais eficiente, a aprendizagem do português se processa com grande impulso através da paixão que as crianças/adolescentes demonstram pela música popular brasileira e pelos programas de televisão. As letras das músicas brasileiras em

evidência são aprendidas muito facilmente; em relação à televisão, a grande maioria das famílias alugam vídeos com gravação dos programas semanais, principalmente novelas. Acompanhando os capítulos da novela, os jovens reforçam a competência gramatical em português como também atualizam seu universo vocabular principalmente em relação à aquisição de gírias do momento.

Saindo do espaço da casa, a vida social dessas famílias se concentra, sobretudo, em atividades organizadas pela comunidade brasileira, principalmente, dentro do espaço da igreja. As comemorações de datas festivas brasileiras, a participação efetiva nos eventos sociais, favorecem situações de convivência entre brasileiros em que conversas sobre coisas do Brasil faladas em português oportunizam os jovens a reforçar seus laços de identidade nacional. A igreja, local onde todas as atividades religiosas e sociais se processam exclusivamente em português, se constitui o mais importante espaço de convivência grupal dessas famílias. As crianças/adolescentes participam de reuniões freqüentes de grupos de igreja através dos quais podem estabelecer melhores laços de amizade. Dessa forma, a igreja oferece dois tipos de estratégias de aprendizagem da língua materna: a primeira, de forma espontânea, pela simples participação nos cerimoniais religiosos e momentos de interação social; a segunda, de forma sistematizada, através de aulas de catequese, de estudos bíblicos, onde não só a conversação se processa em português mas também as tarefas de leitura e escrita. Diversos exemplos ilustrativos demonstram tais estratégias, como, por exemplo, Carol, adolescente de 15 anos, que dá aula de catecismo para as crianças pequenas falando exclusivamente em português e oferece chocolate, como prêmio, para as crianças que conseguem durante toda a aula não falar nenhuma palavra em inglês. Em uma outra família, que é Testemunha de Jeová, as duas meninas têm aulas de estudos bíblicos duas vezes por semana além do culto no domingo. A mãe reconhece que é principalmente na igreja que as meninas “estudam português” porque são obrigadas a semanalmente ler textos bíblicos e fazer resumos dos mesmos no caderno de religião.

Os dados conclusivos revelam que, provavelmente, essas famílias não cheguem a alcançar uma situação de bilingüismo estável, como geralmente ocorre com os demais grupos imigrantes nos Estados Unidos. Percebe-se, entretanto, que os imigrantes brasileiros, apoiados na reconstrução de uma comunidade brasileira, vêm desenvolvendo esforços no sentido de assegurar a tradição étnica. Sendo assim, é possível que aconteçam constantes movimentos de revitalização étnica que desacelerem o processo assimilatório nas gerações mais jovens, oferecendo-lhes uma oportunidade de engajamento na sociedade americana sem, contudo, rejeitar as suas origens. Enfim, é a partir da construção funcional de uma identidade híbrida (*Brazilian American*) que essas crianças/adolescentes serão motivadas a preservar a língua portuguesa.

¹ O conceito “bilingüismo subtrativo” foi desenvolvido por Lambert (1972), em oposição à situação de “bilingüismo aditivo” em que as duas línguas convivem harmonicamente.

² A intenção de tomar famílias como informantes foi decidida na metodologia do estudo para que se pudesse observar o comportamento lingüístico da geração de filhos considerada por mim como “imigrantes involuntários”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

-
- FISHMAN, J. (Ed.). *Language loyalty in the United States*. The Hague: Mouton Humanities, 1966.
- FISHMAN, J. *The Sociology of Language*. Rowley, MA: Newbury House Publishers, 1972.
- LAMBERT, W. E. *Language, Psychology, and Culture*. California: Stanford University Press, 1972.
- MARGOLIS, M. *Little Brazil – an ethnography of Brazilian Immigrants in New York City*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1994.
- REIS, R.; Sales, T. (org). *Cenas do Brasil Migrante*. São Paulo: Boitempo Ed., 1999.
- ROMAINE, S. *Bilingualism*. Cambridge, MA: Blackwell, 1994.
- SAUNDERS, G. *Bilingual children: from birth to teens*. Philadelphia: Multilingual Matters, 1988.
- SKUTNABB-KANGAS, T.; CUMMINS, J. (Eds.) *Minority education: from Shame to Struggle*. Philadelphia: Multilingual Matters, 1988.
- VELTMAN, C. *Language shift in the United States*. New York: Mouton, 1983.

